

## Uma análise da modalidade EJA no município de Vila Velha – ES através da percepção dos seus discentes

Antonio Carlos dos Santos Cruz <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise da educação e da avaliação presente na modalidade de Ensino para Jovens e Adultos (EJA), oferecida pelo município de Vila Velha, no Espírito Santo. Considerando a importância deste tipo de educação oferecida no Brasil, é que se justifica a escolha do tema. Como objetos foram escolhidos algumas escolas que oferecem esta modalidade as quais se localizam no município de Vila Velha. Como ferramentas para a obtenção de dados foi utilizado o método bibliográfico, assim como a aplicação de entrevistas com alunos das escolas. Ao fim do trabalho, fica atestada a importância do papel dos professores no desenvolvimento de um bom processo educacional, além de algumas deficiências presentes nos ambientes escolares.

**Palavras-chave:** Ensino de Jovens e Adultos. Avaliação. Processo de ensino-aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise da educação e da avaliação presente na modalidade de Ensino para Jovens e Adultos (EJA) oferecida pelo município de Vila Velha, no Espírito Santo. Considerando a importância deste tipo de educação oferecida no Brasil, procurada principalmente por aqueles que, excluídos do processo educacional, não puderam passar pelo processo de ensino-aprendizagem no momento certo, ou seja, na infância ou adolescência.

Tais sujeitos, ao alcançarem uma idade mais avançada, percebem a necessidade de voltarem aos estudos, principalmente buscando melhorias de vida, já que a educação é capaz de fornecer melhores chances de inserção na sociedade como um todo, e para eles, principalmente no mercado de trabalho. Obviamente, por se encontrarem num momento diferente na escala de desenvolvimento humano, os alunos da EJA necessitam de métodos de aprendizagem diferentes, assim como de um processo de avaliação que se adeque as suas necessidades, pelo menos se a intenção for manter estes discentes dentro do processo educacional.

---

Aluno do Programa de Doutorado em Ciências da Educação da Universidad Autónoma Asunción – UAA, Assunção, Paraguai. Mestre em Educação pela Universidade Del Norte (UNINORTE, Paraguai). Diploma revalidado pela UFAL e pela UFAM., Técnico Administrativo em Educação da UFES. Área de Concentração: Educação. Linhas de Pesquisa: Planejamento e Avaliação, Avaliação de Sistemas, Avaliação de Jovens e Adultos, Instituições, Planos e Programas Educacionais, Endereço Postal: Rua Mercúrio, nº12, apto. 101, Cruzeiro do Sul, Cariacica, (ES), CEP: 29144-161. E-mail: [antonio.cruz@ufes.br](mailto:antonio.cruz@ufes.br).

Considerando isto, este trabalho se propõe a analisar o processo de ensino-aprendizagem oferecido pela EJA. Como objetos foram escolhidas algumas escolas que oferecem a modalidade localizadas no município de Vila Velha, no estado do Espírito Santo. Como ferramentas para a obtenção de dados foi utilizado o método bibliográfico, ou seja, leitura de outras obras que apresentem reflexões sobre o assunto, assim como a aplicação de entrevistas com alunos das escolas escolhidas como campo de trabalho, cujas respostas serão apresentadas e discutidas aqui.

Ao fim do trabalho, espera-se que sejam alcançadas algumas considerações referentes a qualidade do ensino na EJA oferecida pelo sistema educacional do município de Vila Velha. Além de serem feitos alguns apontamentos sobre os papéis de outros personagens presentes neste processo, principalmente os professores, cujo papel no desenvolvimento de um ensino de qualidade é imprescindível.

## **METODOLOGIA**

Inicialmente foi escolhido como método para desenvolvimento do estudo o caráter bibliográfico, o que levaria a pesquisa a ser executada através da leitura de outros trabalhos já realizados sobre o tema, obtidos através de livros, periódicos e outros meios de informação que dizem respeito ao assunto. Posteriormente, no entanto, foi detectada a necessidade do empreendimento de uma pesquisa de campo, que foi feita através do uso de questionários, aplicado a alunos e professores integrantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos. Através destas duas etapas é que o trabalho pôde ser efetivado.

Inicialmente foi obtida uma série de sujeitos possíveis para o estudo, sendo identificadas 21 escolas do município de Vila Velha que oferecem a modalidade EJA, com estas possuindo 100 professores em seu quadro de profissionais e cerca de 1500 alunos. Dentro deste grupo foram escolhidas como amostras 5 escolas, localizadas na região V do município, cinquenta professores e cerca de duzentos alunos. As instituições escolhidas para o desenvolvimento do estudo foram: Alger Ribeiro na Cidade da Barra; Gov. Christiano Dias Lopes em São Conrado; Aylton de Almeida e a Prof.º Paulo Cesar Vinha em Terra Vermelha; e a Prof.º Darcy Ribeiro em Morada da Barra.

Nestas instituições as matrículas poderiam ser feitas durante todo o dia, se estendendo das 8 da manhã até o período noturno, e qualquer estudante que tivesse a partir de 15 anos de idade poderia se matricular, não existindo uma idade limite para o processo. O município oferecia o ensino desde a 1º até a 8º série, tendo possuído, em 2018, oito mil alunos

matriculados na modalidade EJA. Para a matrícula os interessados deveriam apresentar documentos como comprovante de residência, documento de identificação e certidão de nascimento ou casamento, além disto, àqueles que já haviam cursado alguma série posteriormente, era requerido também o histórico escolar.

Considerando o fato de grande parte dos alunos da EJA trabalharem durante o dia, as escolas oferecem o jantar ao invés do almoço. Na grade curricular, além de disciplinas regulares como Português, Matemática e História, são adicionadas as disciplinas de Tecnologia da Informação e da Comunicação, que tem como objetivo facilitar a inserção dos alunos no mercado de trabalho. Dentro da gestão da rede ainda existe a intenção de ampliação da modalidade para outras escolas, com a intenção principal de atingir a região rural de Vila Velha.

Os questionários utilizados na pesquisa foram estruturados de maneira objetiva, com os dados tendo sido coletados nas instituições integrantes do grupo de amostra escolhido e, posteriormente, tabulados e analisados para que o relatório final fosse construído. Esta ferramenta foi escolhida por permitir que um número maior de pessoas seja atingido num tempo menor, e foi aplicada através de entrevistas informais, que seguiram três passos: levantamento das escolas que ofereciam a modalidade EJA; levantamento da quantidade real de alunos e professores envolvidos nesta modalidade; e, por fim, a aplicação de questionários. Este último foi aplicado de maneira aleatória, mediante acordo feito com estudantes e professores que aceitaram conceder entrevistas dentro do espaço da instituição escolar.

Como já afirmado, para executar a tarefa foi feita uma pesquisa estatística, ou qualitativa, baseada em dados coletados de questionários aplicados com os sujeitos integrantes do grupo de amostra escolhido. Através das respostas foi possível perceber como aconteciam as interações com os alunos da modalidade EJA, o que contribuiu para a reflexão sobre como o ambiente proporcionado a EJA influencia o processo de ensino-aprendizagem.

## **DESENVOLVIMENTO**

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é a modalidade prevista na Lei de Diretrizes e Bases Educacionais – LDB/1996 que se destina a alfabetização e término das etapas escolares da educação básica dos sujeitos que não puderam concluir seus estudos no tempo devido da infância e adolescência. Ao estudar a EJA é importante ter dois aspectos em mente, conforme elucidada Cunha (1999): primeiro, a EJA é muito antiga remontando aos tempos coloniais,

segundo, esta forma de ensino sempre foi usado com viés voltado a profissionalização da mão de obra, embora no início tenha se destinado ao ensino da religião.

De acordo com Cunha (1999, p.1):

No Brasil Colônia, a referência à população adulta era apenas de educação para a doutrinação religiosa, abrangendo um caráter muito mais religioso que educacional. Nessa época, pode-se constatar uma fragilidade da educação, por não ser esta responsável pela produtividade, o que acabava por acarretar descaso por parte dos dirigentes do país.

Mesmo após a expulsão dos jesuítas, do dever do caminhar da educação básica tutelada pelo Estado no período colonial, no Brasil Império e mesmo com a proclamação da república a EJA seguiu tendo um caráter profissionalizante e compensatório, explica Laffin (2011), usada como meios de instrumentalizar profissionalmente as pessoas em conformidade ao que as necessidades econômicas iam apresentando.

Conforme Paiva (1979, p.42) “[...] no Brasil, até a Segunda Guerra Mundial, a educação de adultos foi integrada à educação chamada popular, isto é, uma educação para o povo, que significa difusão do ensino elementar”. Após a Segunda Guerra Mundial, prossegue o autor, nascem às campanhas nacionais de alfabetização, em todo país, as quais visavam atender às pessoas do meio rural, adultos que ainda não tinham passado por uma escola, que não sabiam a ler e escrever, nesse período a EJA foi desvinculada da educação elementar e passa a ser vista com um caráter populista (educação popular).

Concernente às políticas públicas para a EJA, esclarece Haddad; Di Pierro (2000), não existia preocupação com a educação de jovens e adultos, continuava da mesma forma, apenas um estudo teórico ou prático sem nenhuma transformação social, econômica, sem compreender que era imprescindível erradicar o analfabetismo e não o analfabeto.

Deste modo, a realidade das prioridades de trabalho das classes populares, e a urgência de estabelecer uma preparação emergencial para o suprimento dessa necessidade, acabaram por colocar na preparação para o trabalho o eixo principal da ação educativa, e, no mercado de trabalho, o horizonte ao qual ela se dirige, explica Gadotti (2011).

Foi o trabalho de Paulo Freire, afirma Aranha (1996) o principal responsável por alterar esse olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos, pois “[...] Paulo Freire foi um dos precursores em favor da alfabetização de jovens e adultos, e sempre lutou pelo fim da educação elitista. Tinha como objetivo uma educação democrática e libertadora, que parte da realidade, da vivência dos educando” (p.209).

A proposta de Freire trouxe um pensamento inovador, pois, se baseava no contexto vivenciado pelo indivíduo, em sua realidade, ao auxiliar estes sujeitos a adquirirem consciência de si mesmos, de sua classe, Freire pretendia que eles aprendessem não apenas a ler e escrever, mas sim que tais sujeitos apreendem a lutar se tornando sujeitos ativos da própria história, destaca Aranha (1996).

Então com esse pensamento e uma visão transformadora, onde sua metodologia de ensino visava atribuir ao trabalhador condições de que este pudesse ser agente do seu crescimento sócio-político, e, neste contexto, Freire tratava não só de alfabetizar com rapidez e eficácia, mas, estimular o processo de conscientização.

Adentrando a década de 1990, nos encontramos com o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (1994), onde as políticas públicas desenvolvidas adquirem um forte viés neoliberal, e se voltam assim para o mercado, para as privatizações, descentralizações. Segundo Frigotto (2011, p.240):

As reformas neoliberais, ao longo do Governo Fernando Henrique, aprofundaram a opção pela modernização e dependência mediante um projeto ortodoxo de caráter monetarista e financeiro rentista. Em nome do ajuste, privatizaram a nação, desapropriaram o seu patrimônio (Petras, Veltmeyer, 2001), desmontaram a face social do Estado e ampliaram a sua face que se constituía como garantia do capital. [...] A educação não é mais direito social e subjetivo, mas um serviço mercantil.

Com o início do mandato de Lula, e durante todo seu período de governo, diversas campanhas voltadas à erradicação do analfabetismo foram empreendidas, como, por exemplo: Projovem (PBA) Programa Brasil Alfabetizado, PROEJA e o Programa Brasil Alfabetizador em 2003 financiado pelo MEC, explica Carvalho (2012).

Diante de tantos programas para erradicar o analfabetismo no Brasil, a EJA ainda é vista como uma educação de menor valor, contrariando o direito subjetivo à educação, onde o caráter de uma política pública compensatória continua presente nas políticas educacionais brasileiras. Conforme Arroyo (2005) torna-se, então, necessário enfrentar os desafios impostos pela exclusão social, que historicamente tem marginalizado os sujeitos da Educação de Jovens e adultos e que possa ultrapassar a condição de campanhas e programas emergenciais.

O processo didático pedagógico não se restringe à sala de aula, mas sim encontra-se vinculado a todo espaço escolar. É neste contexto que a avaliação assume um caráter de suma importância. Luckesi (2002, p.93) enfatiza:

[...] a avaliação diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A verificação é uma ação que “congela” o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação.

Essa menção de Luckesi remete-nos ao fato de a dinâmica do ato de verificar encerra-se com a obtenção do dado ou informação que se busca, isto é, vê-se ou não se vê alguma coisa. Assim, tanto as notas como os conceitos têm caráter relativo, podendo não corresponder ao nível real de aproveitamento escolar. Assim, a avaliação deve servir também como diagnóstico do trabalho do professor, com vistas a avaliar seus aspectos didático-pedagógicos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das entrevistas com os estudantes da EJA foi possível observar questões importantes para a análise mais detalhada sobre a modalidade de ensino. Inicialmente, foram levantados dados relacionados a idade dos estudantes da EJA. Com isto constatou-se que 40% dos entrevistados possuem entre 21 e 26 anos de idade, 10% tem entre 15 e 20 anos e os alunos compreendidos entre as idades de 27 e 32 correspondem a 20% dos entrevistados. Por fim, os 30% restantes estão compreendidos entre os que tem acima de 41 anos.

Em relação ao sexo foi identificada uma maioria feminina no curso, englobando 60% dos entrevistados, enquanto 40% correspondem ao sexo masculino. Quanto a percepção dos alunos em relação a qualidade da escola, se comparada a outras, 90% dos entrevistados a acham igual as outras, enquanto 10% acham que ela é pior.

É possível observar também que os alunos mantêm um alto índice de participação em projetos desenvolvidos na escola e que envolvem atividades relacionadas a criatividade e originalidade, o que facilita o desenvolvimento das suas potencialidades. No entanto, em relação ao desenvolvimento acadêmico uma lacuna ainda se faz presente, percebe-se isso se considerarmos as competências a serem desenvolvidas e a realidade presente na escola durante a realização das atividades escolares. Além disto, os alunos podem frequentar a biblioteca tanto durante as atividades promovidas pelos professores; que tem como objetivo desenvolver o gosto pela leitura; quanto em outros horários, de acordo com a preferência de cada um (CRUZ, 2018, p. 103-104).

A seguir serão apresentadas algumas falas coletadas durante as entrevistas feitas com alunos, buscando demonstrar o posicionamento destes em relação a EJA. Ao serem perguntados sobre o que eles gostariam de aprender e que não é ensinado na escola foram obtidos os seguintes depoimentos:

ALUNO 1: “olha... porque meu problema é escrever ler, eu leio bem, mas fico com medo de escreve errado, tem gente que gosta de ler jornal, revista, eu no caso, minha dificuldade é por isso, fiz a 5ª serie já tinha 17 anos”.

ALUNO 2: “difícil responder, que a escola ensina tudo, menos profissão em si, mão de obra não ensina”. (CRUZ, 2018, p. 104)

O que se pode observar no atual cenário da educação é o comodismo por parte de alguns profissionais em relação à profissão. Graças a isto sua atuação acaba sendo apagada e negligenciada, fazendo ele perder direitos e ser um profissional desvalorizado pela sociedade. Na fala do Aluno 2 é possível perceber uma das grandes questões presentes na EJA, a busca dos alunos por qualificação profissional, já que seu principal objetivo é obter o sustento de suas famílias. Isto deixa clara a realidade brasileira, na qual as pessoas são obrigadas a procurar a escola para poderem sobreviver economicamente, perdendo com isto o interesse pelos objetivos maiores do ensino.

Em relação a qualidade, pode ser apontado como os professores, provavelmente, durante o seu planejamento acabam desconsiderando o objetivo do processo de aprendizagem. Com isto, acabam sem o conhecimento necessário para promover avaliações. Segundo Oliveira (2008, p. 77 *apud* CRUZ, 2018, p. 105):

[...] A esses sujeitos, independentemente da consideração das deficiências e dificuldades de aprendizagem, por longo tempo, e ainda hoje, não obstante os avanços no campo da EJA, empiricamente, temos nos defrontado no âmbito de vários sistemas, quando não com o descaso, com uma oferta de educação que desconsidera as potencialidades dos sujeitos, fomentando uma cidadania pela metade, o fracasso e exclusão escolar. Uma educação em que, resguardadas as dimensões da afetividade e subjetividade envolvidas no processo de alfabetização, os próprios sujeitos parecem que naturalizam e se dão por satisfeitos com o aprender a escrita do seu nome e com o acesso a rudimentos da leitura e da escrita.

Durante as entrevistas, outro questionamento feito aos alunos foi em relação a qual era, para eles, a maior dificuldade encontrada em sala de aula. Algumas das respostas são mostradas a seguir:

ALUNO 17: “é porque tipo assim... muito barulho, muita gente conversando ai fico nervosa e tem dia que não consigo fazer nada”.

ALUNO 32: “de conhecer as letras, o N o H da na frente primeiro, e o X o K fica sem saber com é que ler”.

Os alunos da EJA, numa maneira mais geral, costumam ser marcados pela pobreza e exclusão por não terem conseguido obter educação no “tempo certo”, muitas vezes pelo fato das políticas públicas terem falhado quando eles ainda eram crianças e adolescentes. Isto mostra o reflexo de um país desigual no quesito distribuição de renda, o que traz consequências como pobreza e diferenças de oportunidades.

Outra pergunta feita durante as entrevistas foi se os alunos já haviam pensado em desistir dos estudos. As respostas obtidas foram bem animadoras, já que demonstraram que a maioria não pensava nesta possibilidade.

ALUNO 16: “é não sei muita coisa, a gente tem que trabalhar, mas hoje em dia vejo que faz muita falta, trabalhar e estudar não é brincado não (risos)”.

ALUNO 26: “sim muitas. Mais ai pensei: não vou parar, deu uma loucura depois continuei” (CRUZ, 2018, p. 106).

O processo de exclusão na avaliação ocorre quando o apontado acima não acontece, quando a escola, através de sua prática pedagógica, afasta os alunos do ambiente escolar pela indução da evasão e do abandono escolar como consequência de reprovação (FREITAS, 2003). Assim, a interação entre professor e aluno se trona imprescindível para a reelaboração da dimensão avaliativa no contexto da sala de aula.

Logo, o professor é em grande parte responsável por não permitir que o aluno desista, agindo de uma maneira que permita que este cresça como sujeito reflexivo, político e social. O professor precisa entender que muitas vezes os obstáculos no desenvolvimento do conhecimento nos alunos estão ligados a suas relações, condições socioeconômicas e contexto histórico. Outra pergunta feita aos alunos se referia a adequação dos conteúdos a faixa etária dos discentes.

ALUNO 109: “não. Ela ta dando aula pra 1ª e 4ª série ai fica tudo misturado, tem que dá atenção pra todos e não tem como ela dá atenção pra todos” (CRUZ, 2018, p. 107).

Alguns professores podem achar que, devido as necessidades de formação dos alunos da EJA, estes não serão capazes de perceber falhas na metodologia de ensino, o que é um sério engano. Os educandos desta modalidade são sujeitos históricos, e mesmo que não possuam



muita vivência em sala de aula eles possuem conhecimentos resultantes da vida, de coisas que a escola não ensina. Considerando isto o estudante da EJA deve ser tratado como um ser perceptivo, inteligente e com ampla capacidade de aprendizagem.

Assim, fica claro a importância do professor para o avanço construtivo do aluno, sendo o mediador que, estando em contato direto com o aluno, identifica onde há necessidade de um trabalho diferenciado e pensa nas melhores maneiras de fazer a mediação dos conhecimentos. Tais ações devem se sempre empreendidas com humildade, enxergando o discente como um ser com capacidade de pensar e construindo junto a ele conhecimentos sistematizados e condições de aprendizagem que permitam que o sujeito evolua (CRUZ, 2018).

O que fica possível perceber é que a avaliação da aprendizagem escolar empreendida na EJA, dentro do contexto do Brasil, tem se mostrado um elemento de auxílio no processo de aprendizagem. No entanto, ainda se mostra como um processo excludente, já que as escolas ainda utilizam métodos tradicionais e classificatórios, que se mostram como empecilhos para o pleno desenvolvimento dos estudantes (NASCIMENTO, 2018 *apud* CRUZ).

Em relação a discriminação dentro do ambiente escolar, nenhum dos entrevistados afirmou ter passado por algum episódio do tipo, como mostrado abaixo.

ALUNO 178: “*não*”.

ALUNO 126: “*não*”.

ALUNO 84: “*não*”.

Quanto a relação com os professores, os alunos também forneceram respostas positivas.

ALUNO 65: “*ótima demais*”.

ALUNO 59: “*sim*”.

Refletir sobre a avaliação dentro do processo de aprendizagem dos alunos da EJA permite que seja feito um mergulho nas histórias destes sujeitos, possibilitando a revisão do que foi feito por eles durante a sua trajetória, fazendo perceber como eles foram excluídos. São integrantes da sociedade, sujeitos de contextos urbanos e rurais dotados de direitos, inseridos no mercado de trabalho, que buscam retornar aos estudos para melhorar suas condições de vida.

A avaliação na modalidade EJA não deve levar em conta apenas fatos e conceitos assimilados. Assim, será possível que o caráter diagnóstico forneça possibilidades de averiguação da posição do discente em relação as novas aprendizagens que lhe são apresentadas e as que servem de base para estas.

Além disto, e m alguns casos poderá apontar a necessidade de ressignificação da avaliação, principalmente quando esta acabar se convertendo em procedimentos de medida que objetivam selecionar e classificar os alunos (NASCIMENTO, 2018 apud CRUZ, 2018, p. 109).

“Dentro da realidade das escolas que oferecem a modalidade EJA, exame e avaliação são ações com finalidades diferentes, mesmo que no cotidiano elas ainda sejam confundidas e tidas como ações equivalentes” (LUCKESI, 2011, p. 148). Assim, percebe-se que na EJA os professores devem investigar os motivos da falta de sucesso dos alunos, procurar estimulá-los, no entanto, o processo de ensino-aprendizagem nem sempre pode ser conduzido de maneira fácil. Os alunos desta modalidade já possuem experiências de vida que contribuem com seu aprendizado, mas que, no entanto, não são suficientes, já que fatores externos como família e trabalho e a diversidade em sala de aula influenciam no processo de aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do trabalho ficou claro que, caso o professor não saiba como e para que educar jovens e adultos, fazendo com que eles participem ativamente, a modalidade acaba caindo nas mesmas práticas repetidas nas maneiras mais tradicionais de ensino, e que não conseguem responder de maneira eficiente ao aoproblema da exclusão do direito a educação.

O público atingido pela modalidade EJA precisa ser tratado com mais respeito pelos governos brasileiros, para que sua dignidade humana e seu direito a educação possam ser alcançados efetivamente no nosso país. Porém, levando em conta os governos neoliberais que tem estado no poder ultimamente, esta não é uma tarefa simples, visto que a educação pensada por esta linha política não visa o privilégio do conhecimento e a emancipação dos sujeitos, mas a formação de mão-de-obra para suprir o mercado.

A EJA existe para provar como o processo educativo empreendidono Brasil sempre foi falho, incapaz de solucionar problemas sociais e econômicos, já que os pobres são marginalizados e pensados apenas como mão-de-obra para as demandas econômicas, com um ensino voltado a profissionalização. Esta pesquisa permitiu um mergulho dentro do universo desta modalidade educacional, auxiliando na compreensão dos processos de avaliação e ensino-aprendizagem presentes nela. A avaliação na EJA necessita considerara as especificidades do público que ela atende e estar em consonância com métodos e procedimentos pedagógicos utilizados, que devem ser pensados especificamente para jovens e adultos. Julgamentos serão necessários para dar um curso a vida, e a vaaliação deve ser um

ato de amor, acolhimento e interação. Acolher uma situação é importante para a avaliação, oferecendo subsídios para que a mudança seja feita, quando necessária.

Ela se firma como um processo irreversível, considerando que identificar o nível de qualidade da instituição escolar é um elemento chave na busca da qualidade de ensino. A avaliação deve então ser encarada como processo que constitui um agente de identificação e apoio para a qualidade da educação. Deve ser vista como afirmação na busca de uma qualidade compatível entre a filosofia institucional e a realidade social.

Um instrumento avaliativo deve fornecer apoio, dando ao docente um direcionamento na efetividade do seu trabalho, assim como quais conhecimentos foram absorvidos com profundidade. Logo, longe de ser apenas uma quantificação, a ação de avaliar deve ser entendida como um processo, não é suficiente apenas atribuir notas, mensurar valores e atribuir conceitos, é preciso analisar os resultados avaliativos e entender o que eles expressam para além dos números e conceitos.

Mesmo com a busca por mudanças, a qualidade educacional mudou muito pouco. Uma das grandes esperanças neste sentido, o método de Paulo Freire, não foi concretizado devidamente. Assim, é fato que a modalidade EJA ainda necessita passar por diversas mudanças para que possa oferecer a educação de qualidade que apresenta como objetivo, mudar a vida de diversos brasileiros através da oferta de oportunidades para que estes cresçam do ponto de vista profissional e intelectual.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARROYO, M. G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria A.; GOMES, Nilma L. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte/MG, Autêntica, 2005, p. 19-50.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Diretoria de Políticas de Educação de Jovens e Adultos. **Princípios da Educação de Jovens e Adultos**. Jorge Luiz Teles da Silva. Diretor de Políticas de Educação de Jovens e Adultos. Disponível em <<http://www.ceeja.ufscar.br/legislacao-vigente-para-a-eja>>. Acesso em 3 de abril de 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Coleção Cadernos de EJA**. Brasília, 2006.

CARVALHO, M. P. **As políticas para a educação de jovens e adultos nos governos Lula (2003-2010)**. ANPAD, 2012. Disponível em: <[http://www.anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/MarceloPagliosaCarvalho\\_res\\_int\\_GT1.pdf](http://www.anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/MarceloPagliosaCarvalho_res_int_GT1.pdf)>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

CRUZ, Antonio Carlos dos Santos. **Processo Ensino-aprendizagem: uma nova concepção de**

**avaliação na Educação de Jovens e Adultos – EJA.** (2018). Tese (Doutorado em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Assunción). 137p.

CUNHA, C. M. Introdução – discutindo conceitos básicos. In: **SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos.** Brasília, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREITAS, L. C. **Ciclos, seriação e avaliação.** São Paulo: Editora Moderna, 2003.

FRIGOTTO, G. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. **Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação**, jan/abr 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782011000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000100013)>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

GADOTTI, M.; Romão, J. E. (org.). **Educação de jovens e adultos: Teoria, prática e proposta.** 12 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo freire, 2011.

HADDAD, S. **Estado e Educação de Adultos (1964-1985).** São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1997.

\_\_\_\_\_.; Di Pierro, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, 2000, p. 108-130.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

\_\_\_\_\_. **Avaliação: Mito e Desafio. Uma perspectiva construtivista.** Porto Alegre: Mediação 2000.

LAFFIN, M. H. L. F. **Educação de jovens e adultos e educação na diversidade.** Livro 1. Florianópolis: NUP – Núcleo de Publicações do CED, 2011.

LAKATOS, E. M; Marconti, M. A. **Metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 13 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico.** São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MOREIRA, H.; Caleffe, L. G. **Metodologia de pesquisa para professor pesquisador.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PAIVA, J. **Os sentidos do direito à Educação para Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

\_\_\_\_\_.; Oliveira, I. B. (org.). **Educação de Jovens e Adultos.** Petrópolis RJ: DP et al: Coleção: Pedagogias em Ação, 2009.

PAIVA, V. **Educação Popular e Educação de Adultos.** 4. Ed. São Paulo: Loyola, 2004.

PAIVA, P. **Educação popular e educação de adultos.** São Paulo, Loyola, 1970.

\_\_\_\_\_. **Educação popular e educação de jovens e adultos.** Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como Avaliar? critérios e instrumentos.** Petrópolis: Vozes, 1995.

UNESCO. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática.** Brasília: UNESCO, 2008.

VEIGA, C. G. **História da Educação**. São Paulo: ática, 2007.

VEIGA, I. P. A. (coord.). **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1998.

VILA VELHA. Regimento Comum das Escolas Municipais de Vila Velha. IN: **EJA – Educação de Jovens e Adultos**. Prefeitura Municipal de Vila